

BOLETIM DA AGTB

Nº 3 SETEMBRO 86

INFORMATIVO DA ASSOC. GAUCHA DE TEATRO DE BONECOS



FOTO: ANA TERESA P. NETO

Grupo **ANIMA SONHO**
com o teatro no ombro,
oferece bonecos e sonhos.

EDITORIALZIM

Cá estamos com o nosso 3º Boletim, demonstrando que o amor pelo boneco cresce a cada dia em nosso estado, e que temos recebido todo o tipo de apoio de nossos companheiros bonequeiros. Entusiasmo é o que não tem nos faltado, pelo apoio que recebemos para a realização de nossa IIº EXPOSIÇÃO DE BONECOS, contando inclusive com a participação de alguns grupos que apresentaram seus trabalhos gratuitamente, para uma maior divulgação no TEATRO DE BONECOS no Rio Grande do Sul.

Também deixamos aqui registrado nosso agradecimento pela visita e o grande incentivo de nossa Magda Moësto (presidente da ABTB), que com a sua energia e talento muito contribuiu para o sucesso de nosso evento.

VIDA AOS BONECOS GAUCHOS!

UBIRATAN CARLOS GOMES

Presidente da AGTB

DIRETORIA:

Ubiratan Carlos Gomes - Presidente

Graciela Castro - Vice-Presidente

Ana Teresa F. D. da Silva - Secretário

Meri S. Gomes - Tesoureiro



Opinião



Caco 29/01/86

Neste artigo, publicado na página 14, da edição de agosto do jornal LEIA, o economista Francisco de Oliveira revela as armadilhas da Lei Sarney. Fizemos uma transição da matéria na íntegra, porque ela é do maior interesse para nós que, de uma forma ou de outra, lidamos com a cultura.

Mecenato com mão de gato

"A Lei Sarney revela uma pobre visão mercantil da cultura: de agora por diante, dinheiro e cultura é dinheiro"

Francisco de Oliveira

A Lei Sarney ou de Incentivo Cultural mereceu todos os louvores da "classe artística". Adulada pelos produtores da cultura domesticada, o poeta-presidente passará também à posteridade como Benfeitor da Cultura, já que desde o Plano Cruzado é Benfeitor da Nação. Além disso, teremos *Marimbondos de Fogo* como best-seller, pois quem não "patrocinará" tão alta produção cultural, deduzindo o "patrocínio" do Imposto de Renda? Quem, quem?

A lei revela uma pobre visão mercantil da cultura: de agora por diante, dinheiro é cultura e cultura é dinheiro. Feita à medida para a Rede Globo, que poderá financiar seus programas com o Imposto de Renda: o artigo 8º da Lei busca acautelar-se contra essa possibilidade, impedindo os investimentos, patrocínios e doações dedutíveis do Imposto de Renda de serem

aplicados em empreendimentos culturais que tenham algo a ver com as pessoas físicas e jurídicas que utilizem suas faculdades. Trata-se de cautela ingênua, como a experiência tem demonstrado, e o empecilho será facilmente contornado, ou mais precisamente *burlado*, como se verá no correr do tempo. Além disso, a Lei é um péssimo exemplo de gestão dos recursos públicos, nestes tempos de "moralização". É outra vez a lógica da privatização do que é público, pois impostos devidos não mais pertencem a quem os deve, mas ao Estado e teoricamente à Nação. Deixar a critério dos contribuintes a utilização de recursos públicos, sem a mediação do Estado e de outras instâncias da sociedade, constitui uma demissão do Estado como gestor do bem comum e uma burla aos direitos do conjunto da sociedade. Ao Estado caberá um Fundo de Promoção Cultural, no qual os contribuintes que não quiserem fazer uso das modalidades de investimento, patrocínio ou doação, depositarão os ridículos cinco por

cento do total de dedução a que teriam direito. Em outros casos de incentivos fiscais, já se viu que opção semelhante nunca funcionou.

No passado, que terminou com a Lei Sarney, a produção cultural no Brasil apoiou-se primeiro nos parcos recursos dos próprios criadores, condenados muitas vezes a uma vida quase marginal; se o sambista desceu do morro carioca, muitos dos autores lá continuaram. Apenas muito recentemente, o êxito de formas comercializadas da música popular resgatou alguns do anonimato e distribuiu-lhes sobras do banquete dos "ricos", quando as classes médias afluentes começaram também a fazer música e viver disso. Importa não esquecer que os poetas modernistas financiaram, as mais das vezes, a edição de seus trabalhos com recursos próprios, em edições limitadas, coisa que se repete com os muitos autores auto-intitulados "marginais".

Em outros terrenos, a produção cultural esteve ligada ao Estado, menos como mecenatas, mais como um "patrão permisivo". Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Olavo Bilac, para citar uns poucos, fizeram de sua condição de funcionários públicos e de seus salários uma espécie de "fundo público cultural"; nas áreas científicas, tanto de exatas quanto de humanas, a ligação com a Universidade foi decisiva, com as notáveis exceções de Caio Prado Jr. e de Celso Furtado, atual Ministro da Cultura, que a universidade nunca acolheu e que utilizou parte de seu tempo como funcionário público e como funcionário internacional para fazer a obra que todo o Brasil conhece. No domínio do amplo conjunto das artes plásticas, a "mixagem" foi mais heterogênea; muitos se valeram de suas fortunas pessoais e na "belle époque" paulistana dos anos do modernismo a ligação com alguns engenheiros assegurou a experimentação e a explosão de talentos, de forma assistencialista, episódica, sem nenhuma institucionalização, cujo paradigma contrário continua sendo o caso norte-americano. O Estado patrocinou bolsas e estágios em Paris, o que permitiu o contacto com as novas correntes da vanguarda.

A classe dominante brasileira, como conjunto, sempre foi avara para com a cultura e, em muitos exemplos, decididamente anti-cultura. Nada semelhante ao de algumas grandes fortunas internacionais, que principalmente nos Estados Unidos desde há muito patrocinam a produção cultural em amplos segmentos e de muitas formas: doações às universidades, fundos "in memoriam", de que resultou o primeiro time das universidades americanas: Yale, Harvard, MII, Chicago, Princeton, Stanford, Cornell, Brandeis,

Duke, Columbia. Mesmo a família quiçá mais "tycoon" do mundo, os Rockefellers, praticamente criou o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque. No Brasil o "tycoon" tupiniquim, Assis Chateaubriand, intentou algo semelhante, chegando a ameaçar de difamação pública pelos jornais que controlava, alguns burgueses que se recusaram a doar obras para o acervo inicial do museu que hoje tem o seu nome; talvez procedesse assim por conhecer os métodos e estilos de seus pares burgueses. O Palácio dos Bandeirantes foi construído pelos Matarazzo para abrigar uma universidade, e a meio caminho arrependeu-se e preferiram transformá-lo em negócio imobiliário, vendendo-o para o que hoje é sede do Governo de São Paulo. Este é um retrato resumido em branco e preto do "amor" das classes dominantes brasileiras à cultura...

Agora que as "vacas" são mais "gordas", a Lei Sarney transforma a cultura num campo de investimentos, o que equivale à Bolsa de Valores como campo cultural. Os caminhos para democratizar o acesso à cultura, para incentivar a produção independente, para dar à cultura o suporte material de sua missão subversiva, para tornar públicas universidades que são apenas estatais ou privadas, para abrigar a produção não lucrativa e até antilucrativa, foram preferidos para atar a produção cultural imediatamente aos critérios de mercado, neste caso nem o do "mercado cultural" mas o das aplicações financeiras. E eleva as classes dominantes anti-culturais à condição de juiz supremo daquilo a que elas têm horror.

Não vai dar outra: se a Souza Cruz, que nem é de "seu" Souza nem de "seu" Cruz, vinha promovendo, *sponde suo*, os concertos Carlton, agora ela deduzirá do Imposto de Renda o que antes doava.

Vai-se ver no Festival de Campos do Jordão. Trata-se de um mecenato com não de gato, pois as parcelas dedutíveis do IR são, de direito, públicas, e não mais da Souza Cruz, ou de qualquer outro que faça o mesmo. Belíssima gestão dos recursos públicos, ó poeta!

Além disso, os incentivos fiscais dados à cultura, xerox dos que existem para o Nordeste, Amazônia, turismo e reflorestamento, provaram serem mecanismos perniciosos da concentração de capitais e da renda; adequados apenas para os grandes capitais, com resultados desastrosos para as finanças públicas federais, estaduais e municipais, fontes de enriquecimento ilícito, de desvios de recursos públicos para a especulação financeira, de superdimensionamento de empresas, escapando ao controle social e político. O Ministro da Cultura conhece de sobra essas questões relativas à utilização dos incentivos fiscais no Nordeste. Dele dever-se-ia esperar uma posição pró-socialização e democratização da cultura e não o endosso à lei do poeta-presidente. Sem pessimismo congênito, mas tendo em conta a experiência brasileira, a aplicação de incentivos fiscais, na forma da Lei Sarney, na área da cultura pode ter efeitos ainda mais perniciosos em relação ao que se passa na área da economia. Símbolo de uma época onde "tudo é lucro", a Lei Sarney tem tudo para converter-se no epitáfio da cultura independente. Como o mausoléu dos imortais da Academia Brasileira de Letras... □

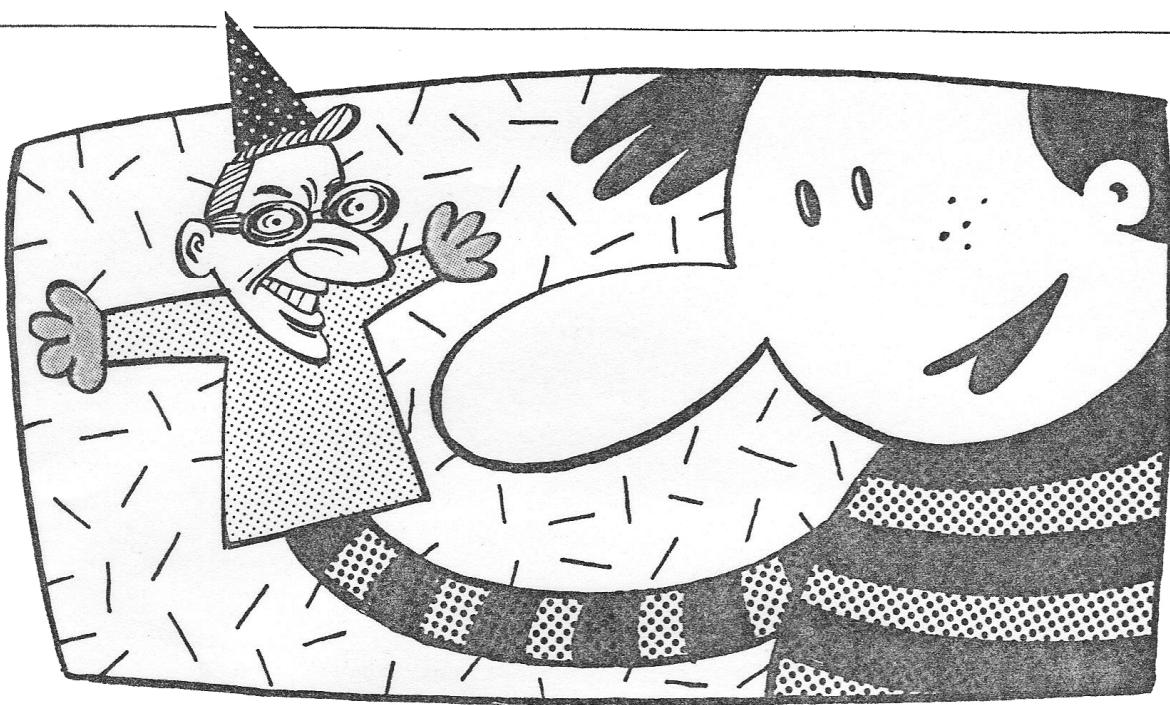
Chico de Oliveira é economista, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento e editor da revista Novos Estudos.

O BOLETIM DA AGTB É SEU. PARTICIPE!



Para participar no boletim você pode enviar seu material para a comissão do boletim formada por TIARAU C. GOMES e MERI S. GOMES - RUA DR. CASTRO DE MENEZES, 760 AP. 315 - 91.900 - CRISTAL - PORTO ALEGRE e EUGÉNIO NEVES - RUA SURUPÁ, 225 - 90.610- JARDIM BOTÂNICO - PORTO ALEGRE.





A MANIPULAÇÃO E SEU APRENDIZADO.

"La hoja del Titereteiro Independente" nos foi enviado do México.

Tradução: Meri

Com o que segue, vou esboçar a estrutura de um processo de aprendizado. Não vou, pois, entrar no detalhe dos exercícios e de sua realização, apenas limitarei a situar-lhe em seu conjunto.

Este texto é uma cópia de notas que elaborei quando me deparei com o problema de ensinar a manipulação de bonecos. Descobri que, para ser um bom mestre, não é suficiente ser marionetista, saber construir mecanismos complicados e animar-lhes. Penso que a primeira tarefa de mestre é observar a si mesmo, tornar consciente os mecanismos de criação e definir a partir deles uma série de exercícios progressivos com o fim de revelar ao aluno suas próprias capacidades úteis para desenvolver a atividade a que se propõe. É evidente que não é um processo mecânico. Que a relação que se estabelece entre o mestre e o aluno é essencial. Mas se deve sustentar sobre uma organização coerente de exercícios que vamos considerar agora.

O aprendizado tem dois níveis que se

deve estudar separadamente.

Num primeiro nível, que chamamos de "exercícios psico-físicos", não usamos nenhum boneco. Seu objetivo é preparar psiquicamente e fisicamente o indivíduo, sensibilizar-lhe, fazer-lhe tomar consciência de seus próprios mecanismos, suas possibilidades e limitações.

Em segundo plano, está o exercício da manipulação propriamente dita, no qual se aprende a dar vida a um boneco (de lava, neste caso).

Vamos, pois, por parte.

Exercícios psico-físicos

Para fazer mais clara a explicação, vejamos separadamente cada gênero, ainda que, na prática, a divisão não seja tão restrita.

1) Relaxamento e concentração - O controle do relaxamento é indispensável para a boa realização de uma atividade como a manipulação. É básico e por isso vem em primeiro na lista. Com efeito, o rela-

xamento que consiste na eliminação das tensões, permite a alguém dispor de seu potencial de energia e dedicar-se à tarefa que quiser. Todos os exercícios que seguem, devem ser realizados com o maior relaxamento possível. Até os esforços musculares e os exercícios de reação ganham em precisão e eficácia se são acompanhados de um bom relaxamento.

A concentração, que é a capacidade de polarizar a atenção e a energia psíquica sobre uma tarefa. Não deve ser uma tensão. Como acabamos de dizer, é necessário desfazer-se da tensão para poder dispor de energia. A concentração relaxada deve acompanhar os exercícios que seguem.

2) Aquecimento - Antes de uma atividade que requer um trabalho intenso e violento dos músculos e tendões e articulações, um bom aquecimento lhe permite render mais e com menor cansaço. Evita também problemas provocados por esforços. O aquecimento é proveitoso ao começar a sequência de treinamento, os exercícios de manipulação e as funções propriamente ditas.

3) Alongamento - Os exercícios que têm lugar nesta categoria, necessitam ser precedidos por um aquecimento, pois vamos trabalhar os músculos, tendões e articulações ao máximo possível de sua elasticidade. Tem como finalidade retificar posições de trabalho, ganhar em soltura e elasticidade; e aumentar ou recuperar a flexibilidade de algumas articulações como o punho, mãos e dedos. Com efeito, por não usar seus recursos completos, estas aos poucos se limitam e se atrofiam.

4) Treinamento - Exercícios que demandam a desenvolver a habilidade na coordenação e dissociação dos movimentos do corpo. Por exemplo: independizar um braço do outro, um dedo dos demais, fazendo-lhes movimentos diferentes em ritmos diferentes. Exercícios que desenvolvem, também, a precisão dos movimentos.

Podemos mencionar aqui uma disciplina que é excelente preparação psico-física por ser muito completa: o malabarismo com bolas e outros objetos.

5) A voz - Os sons são um material importante de que dispõe o titiriteiro para expressar-se.

Vamos definir quatro partes para o treinamento da voz:

a) conhecimento do aparato vocal. Sua construção e funcionamento.

b) Estudo da correta maneira de emitir sons.

Muitas vezes, trata-se apenas de corrigir maus costumes. Busca-se uma maneira de ter um bom volume de voz sem esforçar-se ou ferir-se.

c) Treinamento da voz - Investigar as possibilidades da voz. Todos os matizes de sons que se pode produzir sem cansar-se.

Aqui vai um considerável trabalho de desinibição. A voz sendo um notório meio de comunicação social está sujeita a regras e limitações fortemente implantadas no indivíduo.

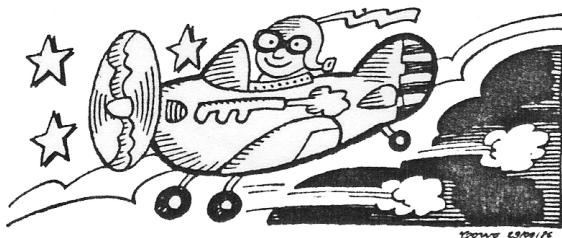
- Jean-Claude Lepertier: "La hoja del titiritero independiente" - nº 34 - pág. 15 e 16.



Grupo ANIMA SONHO

com o teatro no ombro,
oferece bonecos e sonhos.

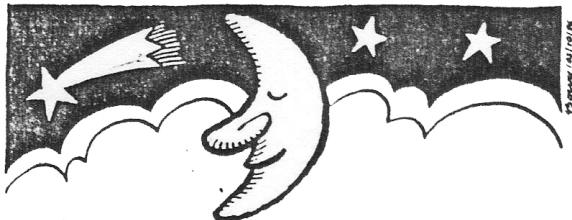
Tiaraju e Ubiratan Carlos Gomes, artistas plásticos, sempre trabalharam com as mais diferentes expressões artísticas. Mas desde 1982, a arte do boneco começa a ganhar maior espaço em seu trabalho. A té que no final deste mesmo ano, formaram o grupo ANIMA SONHO, que começou com tímidas aparições em bares e escolas da Cidade. No inicio de 84, com o incentivo de Afonso Miguel, do "Mamulengo Fantochito", de Olinda, o Grupo levou seu trabalho para as praças, conquistando um espaço definitivo no Parque da Redenção,



onde amadureceu o seu trabalho. Ali, surgiram os primeiros convites para participação de festas públicas e particulares.

A partir daí, o ANIMA SONHO foi crescendo e levou seus bonecos pelo interior do Estado, Santa Catarina e Paraná, para um público diversificado, abrangendo todas as idades e classes sociais. Assim, participou desde a inauguração da Galeria de Arte Quilombo, em Pelotas, e dessa Mostra de Teatro Infantil de Porto Alegre, até uma promoção dos Pequenos Pescadores e Rendeiras da Barra da Lagoa em Florianópolis.

As técnicas utilizadas pelo Grupo são as mais variadas. Desde o boneco de

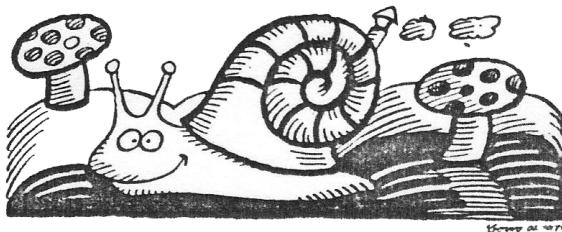


vara, fios e marote, havendo uma predileção pelo boneco de luva.

Entre os objetivos do ANIMA SONHO, está a divulgação do Teatro de Bonecos, e a luta para que deixe de ser considerado uma arte menor e para que ocupe seu verdadeiro espaço no panorama artístico e cultural do Brasil.

O Grupo participa ativamente do movimento bonequeiro do RS, sendo que Ubiratan C. Gomes é o atual Presidente da Associação Gaúcha de Teatro de Bonecos.

Atualmente, o ANIMA SONHO conta com a participação de Meri S. Gomes na produção e sonoplastia. E, além da participação em eventos variados, do Parque da Redenção e apresentações no interior, é um dos responsáveis pelo programa FIRULIM, que vai ao ar diariamente pela TV GUAIABA. E prepara sua nova montagem que deve estrear no próximo ano.



LOGOTIPO

Participe do concurso do Logotipo da AGTB. Se você não se considera um bom desenhista, esboce sua idéia no papel, que será finalizada por um profissional. Faça um xerox sem assinatura ou identificação e encaminhe a AGTB ou entregue pessoalmente.

Avaliação da Oficina.

Recolhemos, aqui, uma série de depoimentos dos participantes da Oficina de Teatro de Bonecos para crianças, ministrada por Tiaraju C. Gomes, na Biblioteca Lucília Minssen.

- Toda esta técnica de fabricar bonecos foi novidade para mim. Gostaria que houvesse uma continuação deste curso onde aprenderíamos a fabricar novos tipos de marionetes ou bonecos, inclusive de fios.

Cristiane Bocchese - 12 anos

- Achei positivo em todos os aspectos, principalmente por incentivar as crianças a brincar mais, ensinando novos brinquedos e novas atividades.

Fernanda Nedel - 10 anos

- Eu gosto de você e do curso. Mas eu também gosto dos seus fantoches e isto eu nunca vou esquecer.

Cristiane - 8 anos

- Foi muito divertido, apesar de ter que colar papel de supermercado. Foi divertido pintar, fazer olhos e sobrancelhas e boca.

Álvaro Gomide - 6 anos

- Foi positivo o desenvolvimento das atividades, as descobertas que fiz e a atuação do professor, porque aprendi coisas que não sabia.

Paula Gomide - 7 anos

- Gostei muito de descobrir como se faz fantoches. Quando quiser fazer outros, conseguirei fazê-los.

Rodrigo da Silveira - 10 anos

- Gostei muito do curso, mas não gostei de colar papel. No início, não me acertei com as cores, mas depois, tudo deu certo.

Tatiana Pessoa - 8 anos



★ROTEIRO★

Convidado pela Fundação Teatro Guairá, o Grupo BOCÔ-DE-MOLA embarca dia 06 de outubro para Curitiba, onde realizará uma série de apresentações na semana da criança.

Este evento está sendo organizado pela Fundação Teatro Guairá e coordenado por José Schlichting Neto.

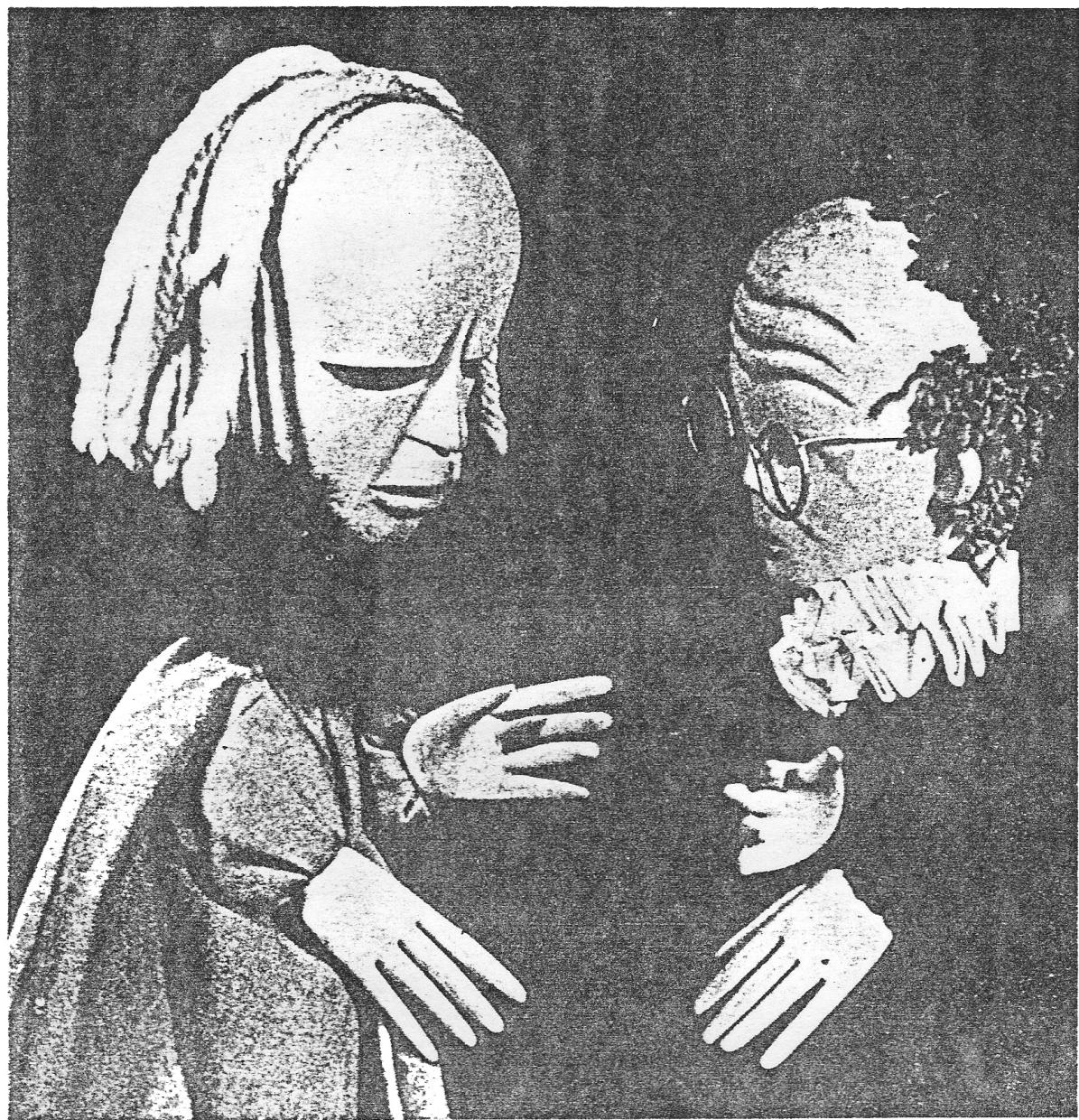
... a partir do dia 20 de setembro, Oficina de Teatro de Bonecos para crianças na Casa de Cultura Mário Quintana, pela manhã e tarde, sob a coordenação de Tânia e Greice de Castro.

... a partir do dia 20 de setembro, às 19 horas, na Casa de Cultura Mário Quintana, a Oficina de Troca e iniciação para adultos.

... no final de setembro, visita de Magda Modesto, Presidente da ABTB. De passagem para Corumbá, Magda passará alguns dias conosco, para conversarmos e, de alguma forma, trabalharmos juntos pelo Teatro de Bonecos.

... no dia 3 de outubro, apresentação do clássico do Teatro de Bonecos "Dr. Fausto", pelo Grupo de Berry-Smith, da Inglaterra. Ingressos e maiores informações no Instituto Cultural Brasileiro-Americano.

... no dia 1º de outubro, inauguração da IIa. Exposição de Teatro de Bonecos, promovida pela AGTB. COMPAREÇA!



Der Heidekasper Walter Büttner
Seevetal

Doutor Faust e seu "Famulus"
Wagner, de um antigo marionete
de "Doutor Faust".

Encenação: 1958
Figuras: Fritz Herbert Bross.
Extraído do livro "O Teatro
Alemão de Bonecos Hoje".